

JON FOSSE

trilogia

Livro Vencedor do
Prémio de Literatura
do Conselho Nórdico



cavalo de ferro

TRILOGIA

VIGÍLIA	9
OS SONHOS DE OLAV	73
FADIGA	149

VIGÍLIA

I

Asle e Alida vagueavam pelas ruas de Bjørgvin, Asle carregava sobre os ombros dois fardos com tudo o que possuíam e na mão segurava o estojo com o violino que herdara do pai Sigvald, e Alida carregava dois sacos de rede com comida, e agora percorriam as ruas de Bjørgvin há já várias horas na tentativa de encontrar alojamento algures, mas era impossível alugar o que quer que fosse em algum lugar, não, diziam-lhes, lamentamos mas não temos nada para alugar, não, diziam-lhes, tudo o que tínhamos para alugar já foi alugado, era o que lhes diziam, e então Asle e Alida tinham de continuar a calcorrear as ruas e a bater às portas e a perguntar se podiam alugar um quarto em qualquer casa, mas não havia quartos para alugar em nenhuma casa, portanto para onde poderiam ir, onde poderiam encontrar abrigo do frio e da escuridão agora, no fim do Outono, certamente vão poder alugar um quarto algures, e, pelo menos, uma coisa positiva é que não estava a chover, mas também poderia começar a chover a qualquer momento, e eles não podiam continuar assim a andar

às voltas, e porque é que ninguém lhes dava alojamento, talvez fosse porque todos podiam ver que Alida estava prestes a dar à luz, o que podia acontecer por um destes dias, a julgar pelo aspecto dela, ou seria pelo facto de eles não serem casados e portanto não serem realmente marido e mulher e não poderem ser considerados gente decente, mas com certeza ninguém poderia aperceber-se disso, não, não era possível, ou talvez até fosse possível, porque essa tinha de ser a razão por que ninguém queria alugar-lhes um quarto, e não era pelo facto de Asle e Alida não se quererem casar que não tinham tido a bênção da igreja, como poderiam eles ter tido tempo e meios para fazê-lo se ambos tinham apenas dezassete anos e portanto não tinham obviamente os requisitos necessários para se casarem, mas assim que os tivessem, tratariam de se casar devidamente, com padre e mestre-de-cerimónias e festa de casamento e tocador de violino e tudo o mais que faz parte da boda, mas por agora isso teria de esperar, por agora as coisas teriam de ficar como estavam e estavam bastante bem, na verdade, mas porque é que ninguém queria dispensar-lhes um tecto onde abrigar-se, o que é que havia de errado neles, se eles próprios se considerassem um casal verdadeiro e decente talvez ajudasse, porque se eles próprios pensassem assim seria mais difícil os outros acharem que eles passeavam pela vida como pecadores, e agora já tinham batido a muitas portas e das pessoas a quem tinham perguntado ninguém queria dar-lhes alojamento e eles não podiam continuar a caminhar assim, a noite está a chegar, estamos no fim do Outono,

está escuro, está frio e em breve também poderá começar a chover

Estou tão cansada, diz Alida

e eles param e Asle olha para Alida e não sabe o que dizer para a confortar, pois já se confortaram muitas vezes a falar do bebê que estava para vir, se seria rapariga ou rapaz, falavam disso, e Alida achava que com as meninas era mais fácil lidar, e ele achava o contrário, que era mais fácil conviver com os rapazes, mas se seria rapaz ou rapariga era indiferente, eles ficavam felizes e gratos pela criança de quem em breve iriam ser pais, diziam eles e confortavam-se pensando antecipadamente na criança que estava prestes a nascer. Asle e Alida vagueavam pelas ruas de Bjørgvin. E até agora não se tinham preocupado verdadeiramente com ninguém lhes querer dar guarida, por fim tudo se iria resolver, em breve iria aparecer alguém que tivesse um pequeno quarto para alugar, onde eles pudessem ficar algum tempo, isso tinha de resolver-se, pois existiam muitas casas em Bjørgvin, casas pequenas e grandes, não era como em Dylgja, onde apenas havia umas escassas quintas e poucas casitas junto ao mar, ela, Alida, era filha de Herdis do Penhasco, dizia-se, e era oriunda de uma pequena quinta em Dylgja, onde cresceu com a mãe Herdis e a irmã Oline, depois de o pai Aslak ter desaparecido e nunca mais ter regressado, quando Alida tinha três anos e a sua irmã Oline cinco, e Alida não tinha pois a mais pequena recordação do pai, somente da sua voz, porque ainda conseguia ouvir a sua voz dentro de si, o grande sentimento que havia na sua voz,

o timbre nítido e o registo amplo, mas isso era tudo o que ela conservava do pai Aslak, pois não conseguia lembrar-se da sua aparência e também não conseguia lembrar-se de mais nada, apenas da sua voz quando cantava, era tudo o que ela conservava do pai Aslak. E ele, Asle, cresceu num Ancoradouro em Dylgja que fora equipado como um pequeno barracão, ali cresceu com a mãe Silja e o pai Sigvald, até que o pai Sigvald um dia desapareceu no mar quando as tempestades de Outono chegaram de repente, ele andava a pescar ao largo das ilhas nos mares ocidentais e o barco afundou-se para lá das ilhas, ao largo de Storesteinen. Então a mãe Silja e Asle ficaram sozinhos no Ancoradouro. Mas não muito depois de o pai Sigvald ter desaparecido, a mãe Silja adoeceu e ficou cada vez mais magra, ficou tão magra que quase se podia ver através do seu rosto os próprios ossos, os seus grandes olhos azuis foram ficando cada vez maiores até que por fim lhe cobriam quase todo o rosto, a Asle parecia-lhe que era assim, e o seu longo cabelo castanho foi ficando cada vez mais fino e mais ralo do que antes, e então, uma manhã em que ela não se levantou, Asle foi encontrá-la morta no leito. A mãe Silja estava deitada com os seus grandes olhos azuis abertos a olhar para o lado onde devia estar deitado o pai Sigvald. O seu longo e fino cabelo castanho cobria-lhe quase toda a cara. A mãe Silja jazia ali morta. Isto foi há pouco mais de um ano, quando Asle tinha cerca de dezasseis anos. E assim tudo o que ele tinha na vida era ele próprio e os escassos objectos do Ancoradouro, e ainda o violino do pai Sigvald.

Asle estava só, completamente só, se não fosse Alida. A única coisa em que ele pensou, quando viu a mãe Silja jazendo ali inelutavelmente morta, foi em Alida. No seu longo cabelo negro, nos seus olhos negros. Em tudo o que a ela dizia respeito. Ele tinha Alida. Agora tudo o que lhe restava era Alida. E foi a única coisa em que ele pensou. Asle pôs a mão sobre o rosto branco e frio da mãe Silja e afagou-lhe a face. Agora tudo o que lhe restava era Alida. Foi nisso que ele pensou. E depois tinha o seu violino. Também pensou nisso. Porque o pai Sigvald não só tinha sido pescador, como também tinha sido um exímio tocador de violino e era ele quem tocava em todas as bodas por todo o Sygna e arredores, e assim foi durante muitos anos, e se houvesse um bailarico numa noite de Verão, era o pai Sigvald que lá iria tocar. Na sua juventude, chegara a Dylgja vindo de leste para tocar na boda do fazendeiro de Leitet e foi assim que ele e a mãe de Asle, a mãe Silja, se conheceram, ela era governanta lá e servia na boda, e o pai Sigvald tocava. Assim se conheceram o pai Sigvald e a mãe Silja. E a mãe Silja engravidou. E deu à luz o Asle. E a fim de sustentar a família, o pai Sigvald alistou-se para trabalhar no barco de um pescador no alto-mar, ao largo das ilhas, o pescador vivia em Storesteinen e, como parte do salário, ele e Silja podiam viver no ancoradouro que o pescador possuía ali, em Dylgja. Foi assim que o tocador de violino, o pai Sigvald, se tornou também pescador e foi viver no Ancoradouro em Dylgja. E assim foi. E assim se passou. E agora tanto o pai Sigvald como a mãe Silja tinham partido. Partido para sempre. E agora Asle e

Alida percorriam as ruas de Bjørgvin, e tudo o que eles possuíam carregava Asle em dois fardos sobre os ombros, e trazia ainda consigo o estojo do violino com o violino do pai Sigvald. Estava escuro e estava frio. E agora Alida e Asle já tinham batido a muitas portas a pedir guarida e as únicas respostas tinham sido que não era possível, que não havia quartos para alugar, que o quarto que tinham para alugar já estava alugado, que não alugavam quartos, que não precisavam de alugar, este era o tipo de resposta que recebiam, e Asle e Alida caminham, param, olham para uma casa, talvez ali encontrem alojamento, mas será que eles se atrevem a bater também àquela porta, apenas voltarão a receber um não como resposta, com certeza, mas também não podem continuar a vaguear pelas ruas assim, portanto tinham de encher-se de coragem para bater à porta e perguntar se tinham um quarto para alugar naturalmente, mas nem Asle nem Alida tinham coragem de apresentar uma vez mais o seu pedido e uma vez mais ouvir que não, que não era possível, que já estava demasiado cheio, e coisas deste género, e talvez tivessem cometido um erro em terem trazido consigo tudo o que possuíam e terem navegado até Bjørgvin, mas que outra coisa poderiam ter feito, deveriam ter ficado na casa de Herdis do Penhasco, se bem que ela não quisesse que eles lá ficassem a viver, porque isso não teria tido qualquer futuro, se ao menos eles tivessem podido ficar a viver no Ancoradouro, teriam ficado lá, mas um dia Asle viu que alguém aproximadamente da sua idade navegava em direcção ao Ancoradouro e baixou a vela e atracou

o barco na praia abaixo do Ancoradouro e depois começou a subir até ao Ancoradouro e passado um bocado ouviram bater à portinhola e quando Asle abriu e o homem entrou e pigarreou para aclarar a voz disse que agora era ele o dono do Ancoradouro, já que o seu pai tinha desaparecido no mar juntamente com o pai de Asle, e que agora precisava do Ancoradouro para si próprio, e portanto Asle e Alida não podiam naturalmente ficar a morar ali, sendo assim, tinham de empacotar os pertences e encontrar outro sítio onde viver, e é assim que terá de ser, disse ele e depois foi sentar-se na cama junto de Alida, que ali estava sentada com o seu enorme ventre, e ela levantou-se e foi para junto de Asle e depois o homem deitou-se na cama e esticou-se e disse que estava cansado e que agora queria descansar um pouco, disse ele e Asle olhou para Alida e foram ambos até à portinhola e abriram-na. E depois desceram os degraus e saíram e pararam defronte do Ancoradouro. Alida com o seu enorme ventre e Asle

Agora não temos sítio onde morar, disse Alida
e Asle não respondeu

Mas o ancoradouro pertence-lhe, portanto acho que não se pode fazer nada quanto a isso, disse Asle

Não temos sítio onde morar, disse Alida

Estamos no fim do Outono, está escuro e frio, e temos de ter algum sítio onde morar, disse ela

e depois ficaram ali parados em silêncio

E estou prestes a dar à luz, poderei dar à luz qualquer um destes dias, diz ela

É verdade, diz Asle
E não temos sítio para onde ir, diz ela
e depois senta-se no banco junto à parede do Ancoradouro,
que o pai Sigvald construíra
Devia tê-lo matado, diz Asle
Não digas essas coisas, diz Alida
e a seguir Asle vai sentar-se no banco junto de Alida
Eu dou cabo dele, diz Asle
Não, não, diz Alida
As coisas são como são, há pessoas que possuem coisas
e outras que não possuem, diz ela
E aqueles que possuem decidem sobre os que não possuem,
nós, diz ela
Acho que as coisas são mesmo assim, diz Asle
E é assim que deve ser, diz Alida
Acho que sim, diz Asle
e Alida e Asle permanecem sentados ali no banco sem di-
zerem nada e passado um bocadinho sai o homem que é dono
do Ancoradouro e diz-lhes que têm de empacotar todos os
pertences, porque agora é ele que vive no Ancoradouro, diz
ele e não os quer por ali, sobretudo não quer o Asle, diz ele,
mas Alida, em contrapartida, pode ficar a morar ali, pelo esta-
do em que se encontra, diz ele, ele regressará dentro de umas
horas, e então eles, pelo menos o Asle, terão de ter saído e de-
saparecido, diz ele e depois desce até ao seu barco e enquanto
está a soltar as amarras diz que vai rapidamente passar pelo
merceeiro e que quando regressar o Ancoradouro tem de estar

vazio e preparado, ele irá dormir ali já esta noite, e claro, talvez Alida se ela quiser, diz ele e empurra o barco e içã a vela e depois o seu barco desliza em direcção ao Norte ao longo da costa

Eu posso empacotar, diz Asle

Eu posso ajudar-te, diz Alida

Não, vai para a casa no Penhasco, vai para casa da mãe Herdis, diz Asle

Talvez possamos dormir lá esta noite, diz ele

Talvez, diz Alida

e ela levanta-se e Asle vê-a caminhar ao longo da praia, as suas pernas muito curtas, as ancas redondas, o seu longo cabelo negro e farto ondulando-lhe pelas costas abaixo, e Asle fica ali sentado a olhar para Alida e ela volta-se e olha para ele e em seguida levanta o braço e acena-lhe e depois começa a subir o Penhasco e Asle depois entra no Ancoradouro e empacota tudo o que lá há em dois fardos e em seguida sai e põe-se a caminhar ao longo da praia com os dois fardos sobre os ombros e o estojo do violino na mão e lá ao longe, no mar, vê o homem que é dono do Ancoradouro vir a navegar no seu barco e Asle sobe o Penhasco e carrega tudo o que possui em dois fardos sobre os ombros, além do violino dentro do estojo, que segura numa das mãos, e passado um bocado avista Alida, que caminha ao encontro dele e lhe diz que não podem ficar a morar com a mãe Herdis, porque acha que Herdis nunca gostou dela, a sua própria filha, acha que a mãe não gostava muito dela, que sempre tinha gostado mais

da irmã Oline e ela nunca compreendera a razão por que assim era, por isso não quer ir lá para casa, ainda mais agora que o ventre lhe cresceu tanto e por tudo o mais, diz ela e Asle diz que é tarde, e que em breve ficará escuro, e que faz frio de noite agora no fim do Outono, e que talvez até vá começar a chover, portanto vão ter de conformar-se e perguntar se podem ficar algum tempo na casa de Herdis do Penhasco, diz ele e Alida diz que se é o que eles têm de fazer, então terá de ser ele a perguntar, ela não o fará, ela prefere dormir onde quer que seja, diz ela e Asle diz que se tem de ser ele a perguntar que ele o fará, e quando estão parados no corredor Asle conta a verdade, que o homem que agora é dono do Ancoradouro quer viver lá sozinho, portanto eles não têm sítio para onde ir, mas se lhes fosse possível ficar aqui por algum tempo, em casa de Herdis, diz Asle e Herdis responde que pois bem, se é assim, então está bem, não pode fazer mais nada do que deixá-los ficar, mas só por algum tempo, diz ela e diz-lhes então que venham e Herdis sobe as escadas e Asle e Alida sobem atrás dela e a seguir a mãe Herdis entra no sótão e diz-lhes que podem ficar ali por algum tempo, mas não por muito tempo e depois vira-lhes as costas e volta a descer e Asle põe no chão os fardos com tudo o que eles possuem e poussa o estojo do violino a um canto, e Alida diz que acha que a mãe Herdis nunca gostou dela, não, nunca gostou e ela nunca compreendeu bem porque é que Herdis não gostava dela e Herdis possivelmente também não gostava muito de Asle, verdade seja dita, antipatizava com ele, pura e simplesmente,

as coisas eram como eram, e dado que Alida ficou grávida, e ela e Asle não eram casados, então Herdis não conseguia provavelmente viver com a desonra debaixo do mesmo tecto, era possivelmente o que ela pensava, a mãe Herdis, ainda que não o dissesse, disse Alida, portanto apenas podiam ficar aqui esta noite, apenas uma noite, disse Alida e Asle disse que então, se as coisas eram assim, ele não via outra solução se não terem de pôr-se a caminho de Bjørgvin já no dia seguinte de manhã, porque lá tinham de conseguir encontrar alojamento, ele tinha lá estado uma vez, em Bjørgvin, disse ele, tinha lá estado com o pai Sigvald e lembrava-se muito bem de como era tudo, as ruas, as casas, as pessoas, os sons e os cheiros, as lojas, as coisas dentro das lojas, ele lembrava-se de tudo aquilo muito nitidamente, disse ele, e quando Alida perguntou como é que iriam para Bjørgvin, então Asle disse que teriam de arranjar um barco e navegar até lá

Arranjar um barco, disse Alida

Sim, disse Asle

Mas que barco, diz Alida

Está um barco amarrado em frente do Ancoradouro, disse Asle

Mas esse barco, disse Alida

e depois viu Asle levantar-se e sair e Alida deitou-se ali na cama do sótão e esticou-se e fechou os olhos e está tão cansada tão cansada e vê o pai Sigvald ali sentado com o seu violino e este pega numa garrafa e bebe um valente trago e depois vê Asle ali parado, com os seus olhos negros, o seu

cabelo negro, e ela tem um choque, porque ele estava ali, o rapaz dela estava ali, e depois vê o pai Sigvald acenar a Asle e este vai ter com o pai e ela vê que Asle se senta junto dele e coloca o violino debaixo do queixo e começa a tocar e, de repente, algo se mexe dentro dela e ela é levantada e ergue-se mais e mais e na música que ele toca ela ouve o pai Aslak a cantar e ouve narrar a sua própria vida e o seu próprio futuro e ela sabe o que sabe e deste modo ela está ali presente no seu próprio futuro e tudo está em aberto e tudo é difícil menos a canção, essa está ali e deve ser a canção a que chamam amor, e assim ela só está presente na música que está a ser tocada e não quer existir em nenhum outro lugar e em seguida aparece a mãe Herdis e pergunta-lhe o que está ela a fazer, não devia ter ido dar água às vacas há muito tempo, não devia ter varrido a neve, o que é que ela julgava, achava que a mãe Herdis tinha de fazer tudo, cuidar da casa, tomar conta dos animais, cozinhar, não lhes era já suficientemente difícil fazer o que tinha de ser feito se ela não estivesse sempre, constantemente, a escapar-se aos seus deveres, não, aquilo assim não podia continuar, ela tinha de se esforçar, devia olhar bem para a sua irmã Oline, ver que ela estava sempre a ajudar e a fazer o seu melhor, como podiam duas irmãs ser tão diferentes, tanto no aspecto como em tudo o resto, como podia isto acontecer, que uma se parecesse com o pai e a outra com a mãe, uma loura como a mãe, a outra morena como o pai, mas assim era e não havia maneira de fugir a isso e seria sempre assim, disse a mãe Herdis, e porque haveria ela de ajudar em alguma coisa se

a mãe Herdis estava sempre a falar mal dela e a gritar-lhe, ela era a má e a irmã Oline era a boazinha, ela era a ovelha negra e a irmã era a ovelhinha mansa, e Alida estira-se na cama, e o que irá acontecer agora, para onde irão eles, ela pode dar à luz a qualquer momento, o Ancoradouro não era o melhor lugar, mas era um sítio onde poderiam viver e agora já nem sequer lhes era permitido ficar lá e agora não tinham sítio para onde ir, nem dinheiro, não, quase não tinham dinheiro, ela tinha umas quantas notas e Asle também teria algumas, mas não era muito, pouco mais do que nada, mas eles tinham de se arranjar, disso ela tinha a certeza, eles iriam conseguir arranjar-se, mas se ao menos Asle regressasse em breve, pois aquela coisa do barco, não, ela não deve pensar nisso, seja como for, e Alida ouve a mãe Herdis dizer que afinal ela é tão morena e tão feia como o pai, e tão preguiçosa como ele, sempre a escapar-se aos seus deveres, diz a mãe Herdis, como irá ela sair-se na vida, ainda bem que é a irmã Oline quem irá tomar conta da quinta, porque Alida teria sido uma inútil, isto teria sido uma confusão, ouve a mãe dizer e em seguida ouve a irmã Oline dizer que ainda bem que é ela quem tomará conta da quinta, a bela quinta que elas têm aqui no Penhasco, diz a irmã Oline, e Alida ouve a mãe dizer o que irá acontecer a Alida, bem, ela não faz a mínima ideia e Alida diz-lhe só que não se preocupe, ela própria tão pouco se importa com isso, e depois Alida sai e vai até à Colina onde ela e Asle se encontravam habitualmente e quando se aproxima, vê Asle ali sentado e ele parece-lhe pálido e abatido e ela apercebe-se

de que os olhos negros dele estão húmidos e sabe que algo aconteceu e então Asle olha para ela e diz-lhe que a mãe Silja morreu e que agora Alida é a única pessoa que lhe resta e ele deita-se de costas e Alida vai-se deitar ao lado dele e ele põe os braços à volta dela e aperta-a contra si e depois diz-lhe que encontrou a mãe morta esta manhã, ela estava deitada na cama e os seus grandes olhos azuis cobriam-lhe todo o rosto, diz ele e mantém Alida apertada contra si e depois fundem-se um no outro e só se ouve o suave murmúrio do vento nas árvores e eles permanecem ausentes e sentem vergonha e matam e falam e já não pensam e depois ficam ali deitados na Colina e sentem vergonha e sentam-se e ficam ali sentados na Colina a olhar para o mar

Imagine-se fazemos uma coisa destas no dia em que morreu a mãe Silja, diz Asle

Pois, diz Alida

e Asle e Alida levantam-se e ficam ali de pé a compor a roupa e depois ficam parados a olhar para as ilhas no mar a ocidente, para Storesteinen

Estás a pensar no pai Sigvald, diz Alida

Sim, diz Asle

e levanta a mão no ar e fica parado com a mão contra o vento

Mas tens-me a mim, diz Alida

E tu tens-me a mim, diz Asle

e em seguida Asle começa a agitar a mão para trás e para diante num aceno

Estás a acenar aos teus pais, diz Alida

Sim, diz Asle

Também consegues senti-los, diz ele

Sim, sinto que estão aqui, diz ele

Ambos estão aqui agora, diz ele

e depois Asle baixa a mão e move-a na direcção de Alida e afaga-lhe a face e depois segura a mão dela na sua e ficam ali parados

Mas imagina, diz Alida

Sim, diz Asle

Imagina que, diz Alida

e põe a outra mão sobre o ventre

Sim, imagina que, diz Asle

e depois sorriem um para o outro e começam a descer o Penhasco de mão dada e Alida vê que Asle está ali de pé no soalho do sótão e tem o cabelo molhado e há dor no seu rosto e ele tem um aspecto cansado e abatido

Onde estiveste, diz Alida

Não, em parte nenhuma, diz Asle

Mas estás todo molhado e frio, diz ela

e depois diz a Asle que venha deitar-se agora, mas ele continua ali de pé

Mas não fiques aí de pé, diz ela

e ele continua ali parado, de pé

O que se passa, diz ela

e ele diz-lhe que têm de partir agora, o barco está pronto

Mas não queres dormir um pouco, diz Alida

Devíamos ir, diz ele
Só um pouco, tens de descansar um pouco, diz ela
Não muito, só um pouquinho, diz ela
Estás cansada, diz Asle
Sim, diz Alida
Estiveste a dormir, diz ele
Acho que sim, diz ela
e ele continua ali de pé no soalho, debaixo do tecto
inclinado
Mas então vem, diz ela
e estende os braços para ele
Temos de partir em breve, diz ele
Mas para onde, diz ela
Para Bjørgvin, diz ele
Mas como, diz ela
Navegamos, diz ele
Então precisamos de um barco, diz ela
Eu arranjei um barco, diz Asle
Vamos descansar um pouco primeiro, diz ela
Então só um pouquinho, diz ele
Assim também a roupa pode secar um pouco, diz ele
e depois Asle despe-se e espalha a roupa no soalho e Alida
levanta o cobertor de lã e Asle mete-se na cama com ela
e deita-se juntinho dela e ela sente como ele está frio e molha-
do e pergunta-lhe se correu tudo bem e ele diz que sim, que
correu tudo bem, sim, e pergunta-lhe se ela esteve a dormir
e ela diz-lhe que acha que sim e ele diz que podem descansar

um pouco agora e depois têm de levar alguma comida, tanta quanta lhes seja possível, e talvez algum dinheiro também, se conseguirem encontrar algumas notas nalgum sítio, e depois têm de meter-se no barco e pôr-se ao largo antes do alvorecer e da manhã e ela diz que sim, que farão aquilo que ele achar melhor, diz ela e depois ficam ali deitados e ela vê Asle ali sentado com o seu violino e ela está de pé a escutá-lo e ouve a canção vinda do seu próprio passado, e ouve a canção vinda do seu próprio futuro, e ouve o pai Aslak a cantar, e sabe que tudo está predestinado e que tem de ser assim e ao pousar a mão sobre o ventre sente a criança mexer-se e pega na mão de Asle e coloca-a sobre o ventre e a criança volta a mexer-se e então ouve Asle dizer que deviam partir imediatamente enquanto ainda está escuro, que é o melhor, diz ele, mas está tão cansado, diz ele, que se adormecer agora pode dormir profundamente durante muito tempo e por isso não pode fazê-lo, eles têm de alcançar o barco, diz Asle e senta-se na cama

Não podemos ficar deitados só mais um bocadinho, diz Alida

Fica tu deitada mais um bocadinho, diz Asle

e põe-se de pé no soalho e Alida pergunta-lhe se quer que acenda a luz e ele diz que não é preciso e começa a vestir-se e Alida pergunta-lhe se a roupa dele está seca, não, diz ele, seca não está, mas também já não está muito molhada, diz ele e continua a vestir-se e Alida senta-se na cama

Agora vamos para Bjørgvin, diz ele

Vamos viver em Bjørgvin, diz Alida

Sim, vamos sim, diz Asle

e Alida levanta-se e acende a luz, só agora pode ver quão transtornado e agitado Asle parece e então começa a vestir-se

Mas onde vamos viver, diz ela

Temos de encontrar alojamento algures, diz ele

Tem de ser possível, diz ele

Há tantas casas em Bjørgvin, lá há tanto de tudo, portanto isto deve resolver-se, diz ele

Se não houver um quarto para nós em nenhuma de todas aquelas casas em Bjørgvin, então não sei o que fazer, diz Asle

e depois apanha ambos os fardos e coloca-os sobre os ombros e pega no estojo do violino e Alida pega no candeeiro e abre a porta e sai à frente dele e ela desce devagar e silenciosamente a escada e ele desce devagar e silenciosamente a escada atrás dela

Vou buscar alguma comida, diz Alida

Ótimo, diz Asle

Eu espero por ti no quintal, diz ele

e Asle sai para o corredor e Alida vai à despensa e encontra dois sacos de rede onde mete charcutarias, pão ázimo e manteiga e depois sai para o corredor e ao abrir a porta vê Asle parado no meio do quintal e estende-lhe os sacos e ele vem recebê-los

Mas o que vai dizer a tua mãe, diz ele

Ela que diga o que lhe apetecer, diz Alida

Sim, mas, diz ele

Asle e Alida vagueiam exaustos no frio, na chuva e na escuridão pelas ruas de Bjørgvin em busca de um tecto que os abrigue. Alida está grávida, mas todas as portas se fecham perante as súplicas do jovem casal. O que terá motivado a sua vinda para esta cidade hostil onde ninguém os conhece? De que passado parecem fugir eles? Inseparáveis desde o dia em que se conheceram, quando Asle era tocador de violino e a sua música era como o canto do pai de Alida, sabem que só se têm um ao outro e que o seu amor vencerá o pecado e a morte.

Composta por três novelas — *Vigília* (2007), *Os Sonhos de Olav* (2012) e *Fadiga* (2014) —, escritas numa linguagem simples e inspiradora e que se fundem numa única história, *Trilogia* é uma parábola de inspiração bíblica sobre o amor, o crime, o castigo e a redenção, que valeu a Jon Fosse, um dos escritores mais celebrados da nossa contemporaneidade, o Prémio Literário do Conselho Nórdico.

«A escrita de Jon Fosse é poesia pura.»

The Paris Review

«Como poucos, Jon Fosse criou uma forma literária que é sua.»

Júri do Prémio de Literatura do Conselho Nórdico

«Jon Fosse é um escritor europeu fundamental.»

Karl Ove Knausgård

ISBN 978-989-664-761-3
9 789895 647613



cavalo de ferro